

BULLYING O PERIGO NAS ESCOLAS

Adriana Duarte Kramer Vechi - *Centro Universitário Anhanguera Educacional*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre a problemática do bullying nas escolas. Essa expressão de origem inglesa define um tipo específico de violência que tem ocorrido nas escolas. O objetivo geral é formar uma base teórica a fim de ajudar pais e professores a entenderem o fenômeno do bullying, bem como expor e apresentar formas para que se possam minimizar suas consequências. Para formar essa base realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o termo bullying, incluindo conceito, histórico, consequências e possíveis intervenções. Para esse levantamento, foram utilizados os bancos de dados do BVS, Scielo e Google acadêmico, e pesquisados monografias e livros. Com o estudo realizado, pôde-se chegar à conclusão de que a prevenção do bullying deve ser feita de maneira adequada pelos profissionais e, também, pela sociedade, pela família e pela instituição de ensino para que, dessa forma, possibilite-se o pleno desenvolvimento da criança e do adolescente, a fim de construir uma convivência sadia e segura nas escolas.

ABSTRACT: This article aims to reflect about the bullying problems at the schools. This English expression defines a specific kind of violence that has happens at the schools. The general objective is inform parents and teachers about the bullying and show ways to minimize its consequences. For the research it was made a bibliographic lifting about the word bullying, including concept, history, consequences and possible interventions. For this lifting it was used the database of BVS, Scielo and Academic Google, adding search in monographs and books. About the methodology used it was concluded that the prevention of bullying must happen in the right way by the professionals and also by the society, by the family and by the educational institution to enable the full development of children and teenagers, making possible to build a healthy and safe living at the schools.

PALAVRAS-CHAVE:

Bullying. Conceito. Consequências, Intervenções. Família. Escola.

KEYWORDS:

Bullying, Concept, Consequences, Interventions, Family, School.

Artigo Original

Recebido em: 15/09/2013

Avaliado em: 08/07/2013

Publicado em: 04/06/2014

Publicação

Anhanguera Educacional Ltda.

Coordenação

Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional - IPADE

Correspondência

Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas - SARE
rc.ipade@anhanguera.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo intitulado “*Bullying*: perigo nas escolas” apresenta um tema muito discutido na comunidade acadêmica e que está cada vez mais presente nas escolas.

O *bullying* é um ato de violência física ou verbal, que pode causar consequências que vão desde o âmbito emocional até consequências na aprendizagem, devido ao fato de ocorrer principalmente com crianças e adolescentes dentro do contexto escolar.

A instituição de ensino deve ficar atenta para algumas atitudes que ajudam a identificar o *bullying*, por exemplo: uso de apelidos “pejorativos”, agressividade, intimidação, ou seja, brincadeiras que, de alguma forma, tendem a ofender seus alvos, tornando-os, mais uma vítima dos *bullies*.

Esses comportamentos vêm preocupando a sociedade, pois estão ligados ao desenvolvimento individual e a contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, esses atos de violência na escola acabam transformando-a em um ambiente inseguro, violento, e de medo para crianças e adolescentes, ocasionando, assim, preocupações para os pais e para a própria instituição de ensino (CHIORLIN, 2007).

Este artigo tem como objetivo apresentar conceitos básicos sobre o *bullying*, e os efeitos que essa agressão provoca nas vítimas, nos agressores e nas testemunhas. Analisa também a importância do professor e da família para essas crianças e mostra maneiras de intervenções para o *bullying*.

Nesse sentido, este trabalho tem o intuito de mostrar formas que possam ajudar a combater esse comportamento violento e agressivo que é o *bullying*, cuja incidência está mais presente a cada dia no âmbito escolar.

Para desenvolver o tema, optou-se por efetuar uma pesquisa bibliográfica e para isso, foram estudados os temas *bullying*, violência escolar e suas consequências nos bancos de dados BVS, Scielo e Google acadêmico no período de 2004 a 2011. Para efetuar a pesquisa, diferentes obras formaram a base da pesquisa.

Após a leitura criteriosa dos textos, foi analisado o histórico, definição, conceito, consequências do *bullying* em jovens escolares e a importância da intervenção dos professores e da família e maneiras de ajudar a prevenir o *bullying* nas escolas.

2. BULLYING: HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O *bullying* é considerado hoje por profissionais da educação entre outros, como a violência social atual, que se manifesta de variadas formas e cresce em todos os segmentos e contextos humanos. Além da violência explícita, há violências representadas por comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos contra uma mesma vítima. O *bullying* é um tipo de

violência velada que gera e alimenta a violência, causando danos individuais e sociais significativos para os indivíduos. Ele é conhecido como um conjunto de comportamentos agressivos, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (a), causando dor, angústia e sofrimento dentro do âmbito escolar.

2.1. Breve histórico sobre o *bullying*

Os estudos sobre o *bullying* iniciaram-se com as pesquisas do professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega (1978 a 1993) e com a campanha nacional *antibullying* nas escolas norueguesas.

Catini (2004) explica que a edição do livro de Dan Olweus “Aggression in The Schools: bullies and whipping boy”, em 1978, foi o marco que desencadeou o desenvolvimento de muitas pesquisas, chamando assim a atenção da comunidade científica e educacional sobre o problema do *bullying*. Trouxe assim, à tona os atos de violência que aconteciam dentro da escola, que antes ficavam escondidos e ninguém sabia como diagnosticar as atitudes ou mesmos fingiam não ver.

Santos (2007) afirma que nos anos de 1970, Dan Olweus iniciou sua investigação sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora as escolas não demonstrassem um interesse sobre o tema. Olweus utilizou-se de pesquisas para fazer a prevenção do *bullying*, como avaliar sua natureza e sua ocorrência.

O autor citado esclarece também que os estudos de observação direta e indireta eram demorados, e por isso o procedimento adotado foi o uso de questionário, o que serviu para fazer a verificação das características do *bullying*, bem como avaliar as intervenções que já vinham sendo adotadas (SANTOS, 2007).

Tognetta (2005), concordando com Santos (2007), certifica que os estudos noruegueses se utilizaram de um questionário proposto por Olweus, contendo 25 questões com respostas de múltiplas escolhas, no qual se verificou a frequência, os tipos de agressores e as percepções individuais quanto ao número de agressores.

Santos (2007) explica que o instrumento tinha a função de apurar as ocorrências de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança. Ele foi adaptado e utilizado em vários estudos e em diversos países, incluindo o Brasil, pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência (Abrapia), possibilitando assim, estabelecimento de comparações interculturais.

O mesmo autor afirma, ainda, que os primeiros parâmetros sobre o diagnóstico do *bullying* foram realizados por Olweus (1989) e por Ronald (1989), e por meio deles verificou-se que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em casos de *bullying*. Em 1993, Dan Olweus publicou o livro “*Bullying at School*” apresentando e discutindo o problema, os resultados

de seus estudos, projetos de intervenção e uma relação de sinais que poderiam ajudar a reconhecer possíveis agressores e vítimas. Essa obra abriu caminhos para a campanha nacional contra o *bullying*, juntamente com o governo da Noruega, onde ocorreu uma diminuição de 50% dos casos.

Esses estudos contribuíram para que outros países adquirissem mais conhecimento sobre o assunto e buscassem desenvolver suas próprias ações para combater e prevenir o *bullying* nas escolas.

2.2. Conceito do *bullying*

A palavra *bullying* ainda é pouco conhecida pela sociedade em geral. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para designar atos violentos no âmbito escolar, profissional e familiar, com intuito de causar dor ou desconforto para quem a sofre. Dentre esses comportamentos, estão agressões, assédios e ações desrespeitosas, realizadas de forma intencional por parte dos agressores.

Para Neto (2005), a adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School *Bullying* and Violence, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra *bullying* dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros.

Na definição de Chiorlin (2007), o *bullying* é descrito como abuso de poder e esse abuso tem como característica ser repetitivo e intencional, podendo ocorrer em diversos contextos, como já mencionado, locais de trabalho, escola e no próprio lar. De acordo com a autora, o *bullying* é um problema presente nos grupos sociais em que há uma clara relação de poder.

Ramos (2009) e Silva (2010) explicam que a tradução da palavra *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* que se traduz como valentão, tirano, mandão ou brigão.

De acordo com Neto (2005, p. 3)

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio.

Para os autores Lisboa, Braga e Ebert (2009), o *bullying* é, portanto, o fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é exposto a um conjunto de atos agressivos, que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um ou

mais agressores. Essa interação grupal é caracterizada por desequilíbrio de poder e ausência de sintonia, nela a vítima possui pouco ou quase nenhum recurso para evitar ou defender-se da agressão.

Neto (2005) e Silva (2010) falam que os *bulllys* praticam esses atos violentos com vítimas que são consideradas incapazes de se defenderem, devido a ter características que a diminuem e que ninguém negaria que ela realmente tivesse, mas essas atitudes não justificam os apelidos, bater, falar mal de outro indivíduo, impossibilitando-o de se defender.

A esse respeito, Fante (2005, p. 26) comenta:

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos.

Portanto, o conceito de *bullying* deve ser entendido como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica, exercida de forma contínua dentro do âmbito escolar.

2.3. Formas de agressão do *bullying*

Algumas atitudes podem ser configuradas em forma direta como: bater, ameaçar, implicar, roubar pertences, colocar apelidos pejorativos, como pode ser também indireto: espalhar boatos maldosos, isolar socialmente a vítima. Porém a vítima não recebe apenas um tipo de agressão, geralmente são vários, contribuindo assim para a exclusão social da vítima.

Chiorlin (2007) e Silva (2010) classificam o *bullying* com diferentes tipos e formas. Os diferentes tipos incluem físico, verbal, social e o *ciber-bullying*. O físico é o mais fácil de observar e é reconhecido tanto por adultos como por crianças e adolescentes. O *bullying* físico envolve socos, chutes, pontapés, empurrões, bem como roubo de lanche e a tendência é que esse tipo de ataque diminua com a idade.

Chiorlin (2007) e Silva (2010) entendem que o tipo verbal inclui práticas que consistem em insultar e atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes, como por exemplo, comentários racistas, homofóbicos, diferenças religiosas, físicas, culturais, morais e econômicas. Esse tipo é mais comum do que o tipo físico, principalmente com o avanço da idade.

Dessa forma, os autores acima dizem que o tipo social é aquele que afeta o relacionamento social da vítima com seus colegas. Ocorre quando um adolescente ignora a tentativa de aproximação de um colega. Esse tipo se torna mais prevalente e prejudicial a partir da puberdade, uma vez que as crianças aprimoram mais suas habilidades sociais e a aprovação dos pares se torna essencial para o seu desenvolvimento (CHIORLIN, 2007; SILVA, 2010).

Chiorlin (2007) e Silva (2010) explicam que o *ciber-bullying* ocorre quando os ataques são feitos por vias eletrônicas. Essa prática tem permitido que as crianças e adolescentes conheçam essa nova forma que vem crescendo muito. Esse fenômeno inclui: *bullying* por

email, mensagem instantânea, salas de bate-papo, *web site*, mensagens digitais ou enviadas pelo celular. Em comparação com o *bullying* tradicional, o *ciber-bullying* pode ocorrer a qualquer hora, o que pode tornar o adolescente ainda mais vulnerável aos ataques dos *bullies*.

Os autores colocam também o tipo sexual, que inclui abusar, violentar, assediar e insinuar. Esse último comportamento costuma ocorrer entre meninos com meninas, e meninos com meninos. Pode ocorrer de a vítima ser violentada e/ou assediada por vários colegas ao mesmo tempo. Esses são os tipos de atos de violência que podem caracterizar o *bullying* (CHIORLIN, 2007; SILVA, 2010). Mostra-se assim sua ampla forma de ataques, que traz prejuízos para todos os envolvidos.

2.4. Como identificar os personagens do *bullying*

No *bullying*, caracterizam três formas de envolvimento: agressor, vítima e testemunha. Em todos os casos, os envolvidos podem sofrer graves consequências no que diz respeito à aprendizagem, ao cognitivo e ao convívio social. Os alvos geralmente sofrem as consequências do *bullying* e, na maioria das vezes, são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo fraca autoestima, quietude e não tem reação efetiva aos atos de agressividade sofridos. As testemunhas não participam diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam, por receio de se tornarem as próximas vítimas.

As vítimas e suas características

Geralmente, os alunos que são visados para serem as vítimas são aqueles que possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldade de aprendizagem.

Neto (2005) considera alvo o aluno que é exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas praticadas por um ou mais alunos. Entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, cause dano, fira ou incomode outra pessoa.

Chiorlin (2007 e Silva (2010) falam que a vítima é aquela que é frequentemente ameaçada, intimidada, isolada, ofendida, discriminada e agredida. Recebe apelidos e provocações, tem os objetos pessoais furtados ou quebrados, mas pode ser diferenciada em sua classificação quando serve de “bode expiatório” para um grupo e não consegue reagir diante das agressões sofridas, pois têm dificuldade de se impor diante do grupo.

Nesse caso, ela pode ser denominada de vítima típica que apresenta pouca habilidade de socialização, são tímidas ou reservadas, e não consegue reagir às provocações e aos atos agressivos, normalmente são mais frágeis fisicamente, ou se destacam da maioria dos outros alunos, devido a alguma marca de diferente que tenha. Essas vítimas facilmente demonstram

suas inseguranças, possuem fraca autoestima, tem falta de coordenação motora, tem ansiedade excessiva e dificuldade de se expressar, tornando-se alvo fácil e comum para seus agressores (CHIORLIN, 2007; SILVA, 2010).

Há também a vítima provocadora que é capaz de influenciar seus colegas com reações agressivas contra si mesmas. Acabam respondendo em forma de briga, discussão quando são atacadas ou insultadas. Nesse grupo, estão crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos. Sem perceberem, dão o tiro no próprio pé, chamando assim a atenção dos agressores para si próprio (CHIORLIN, 2007; SILVA, 2010).

Por último, a vítima agressora reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra todas as agressões sofridas por ela (CHIORLIN, 2007; SILVA, 2010).

Tognetta (2005) explica que de um modo geral, as crianças e adolescentes que são vítimas, são ansiosas, inseguras com sua autoimagem e seus gostos, podendo muitas vezes serem sensíveis e caladas, por medo de revidar, ou vergonha de se expor ainda mais.

Com isso, fica evidente a necessidade de um olhar mais atento a essas crianças que apresentam esses comportamentos e para assim agir antes que algo pior aconteça, pois quanto maior for a demora de agir maior o risco dessa criança ou adolescente adoecer ou até mesmo cometer um suicídio.

Os agressores e suas características

Eles podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, essas características estão associadas a um poder de liderança.

O agressor é aquele que ataca os mais fracos e costuma manifestar pouca empatia. Ele se impõe diante do poder e faz ameaças para alcançar aquilo que deseja. Geralmente é mais forte que seus companheiros de classe, por ser mais velhos ou maiores fisicamente que suas vítimas, ou ainda, por apresentar maior habilidade física nas brincadeiras e nos esportes (CHIORLIN, 2007).

De acordo com Fante (2005), o autor do *bullying* pode manter um pequeno grupo em torno de si, no qual atuam auxiliares em suas agressões. Os alunos identificados como seguidores raramente tomam as iniciativas das agressões. Fazem isso pelo mero prazer de pertencer ao grupo dominante.

Tognetta (2005, p. 6) indica que

Os agressores atuam de forma prepotente e tenta dominar a vontade do outro. Ele tem domínio da vontade, exatamente porque reconhece, pela astúcia, quais são as maiores dificuldades do ponto de vista afetivo, e do ponto de vista físico, muitas vezes, das suas vítimas. Eles conseguem identificar quais são os maiores problemas que essa vítima sofre, e são geralmente sarcásticos e fisicamente bem dotados.

Os agressores apresentam desde muito cedo aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em pequenos furtos e roubos. O

que falta para esses jovens é afeto pelos outros, que pode vir de uma família desestruturada ou do próprio temperamento do jovem. Eles sempre impõem a sua autoridade, seja pelo medo, pelas ameaças morais ou mesmo pela força física.

As testemunhas e suas características

As testemunhas são aquelas que não estão envolvidas diretamente nas agressões do *bullying*, mas assistem aos acontecimentos dentro da sala de aula. Não saem em defesa da vítima, tampouco se juntam aos agressores. Sua omissão deve-se pelo fato de temer represálias ou de ser a próxima vítima de ataque do agressor e, nesse caso, preferem ficar em silêncio.

Neto (2004, p. 52) faz um comentário a respeito das testemunhas de casos de *bullying* em sala de aula:

(...) a forma como reagem ao *bullying* permite classificá-los como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incentivam e estimulam o autor), observadores (observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper).

De acordo com Fante (2005), grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alunos alvos do *bullying* e condena o comportamento dos alunos agressores. Em uma sala de aula, em que há casos de *bullying*, a grande maioria é de testemunhas.

2.5. Causas e consequências do *bullying*

As consequências do *bullying* afetam todos os envolvidos, mas principalmente as vítimas são as que apresentam maiores prejuízos. Dentre os aspectos percebidos nas vítimas estão a deterioração da sua autoestima e do conceito de si, sentimentos negativos e pensamento de vingança, afetando dessa forma seu desenvolvimento emocional e social, podendo gerar até um comportamento agressivo.

As consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento, e evasão escolar (FANTE, 2005, P.44).

Ramos (2009) afirma que os alunos que demonstravam interesse pelos estudos paravam de questionar quando tinham dúvida, temendo ser ridicularizado pelos *bullies*. Há ainda aqueles que desistem da escola, por não aguentarem as gozações dos colegas. Muitos trocam de escola para evitar a convivência com os *bullies*.

Silva (2010) lembra ainda que a não-superação do trauma causado pelas humilhações sofridas pode repercutir em efeitos que o indivíduo levará para toda sua vida, tornando-se um adulto introspectivo, inseguro e com dificuldades de se relacionar socialmente.

Referente às dificuldades emocionais, Marchesi (2006, p. 82) afirma:

As dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada,

o sentir-se marginalizado e maltratado.

Os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento. Quando adultos podem se tornar criminosos e violentos, e terminarem sozinhos e isolados, devidos a seu comportamento inadequado. Os espectadores, por viverem em um ambiente de conflito, tensão, no qual as relações entre os companheiros estão deterioradas, se vêem desmotivados e não sentem vontade de frequentar a escola. Com tudo isso, tem que lidar com sentimentos de insegurança e medo constantes de se tornar a próxima vítima (CHIORLIN, 2007).

Para as testemunhas, o simples testemunho dos atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social (NETO, 2005).

Almeida, Cardoso e Campos (2009) advertem que as crianças alvo de *bullying* quando adultas têm maiores dificuldades para se adaptar, podendo sofrer *bullying* dentro do ambiente de trabalho causando assim dificuldades de se relacionar socialmente com outras pessoas. Com relação aos autores, há tendência a comportamentos de risco na adolescência: dirigir sem cinto, usar drogas, tornar-se alcoólatra dentre outros, agressividade em casa e no trabalho. Existem também outros atos como: não respeitar sinais de trânsito, "furar" fila e considerar-se acima de tudo e de todos.

Esses autores falam ainda que a prática do *bullying* tem consequências negativas e tardias sobre seus envolvidos: agressores, vítimas e testemunhas. Os seus praticantes têm a probabilidade de serem adultos com comportamento anti-social e/ou violento que podem adotar atitudes violentas ou criminosas. Já os seus alvos passam a ter baixo desempenho escolar, recusam ir à escola com simulação de doença. Os jovens com depressão tentam ou cometem suicídio. Com relação às testemunhas, elas podem sofrer influência negativa sobre sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente (ALMEIDA, CARDOSO E CAMPOS, 2009).

O *bullying* é um fenômeno comportamental, que vem deixando crianças e adolescentes reféns da ansiedade e insegurança, interferindo negativamente no processo de aprendizagem, devido aos sentimentos de emoção, medo, angústia e raiva reprimida (SILVA, 2010).

Antunes e Zuim (2008) professam que as causas para que ocorra o *bullying*, incluem, além de fatores econômicos, sociais e culturais, os relacionados ao temperamento do indivíduo, às influências familiares, de colegas, da escola e da comunidade, às relações de desigualdade e de poder, como também com uma relação negativa com os pais e um clima emocional frio em casa, transferindo assim para a escola esse sentimento.

Diante de tudo que foi dito percebe-se que de todos os envolvidos os que mais sofrem são as vítimas. Essas vítimas sentem-se recuadas em denunciar seus agressores, por medo do que podem sofrer e por vergonha de expor as humilhações sofridas.

2.6. O papel do professores diante do *bullying*

A maioria dos atos de *bullying* ocorre dentro das escolas e salas de aula na presença dos professores, diretores, isso mostra a importância das atitudes da escola e do professor e suas ações em sala de aula.

Catini (2004) fala que a escola representa um espaço de interação de suma importância para a nossa cultura. Nela as crianças exercitam a convivência diária com seus pares e com adultos de fora de sua família. Na vivência diária, a criança entra em contato com o outro enquanto podendo se definir em costumes, posturas, características pessoais e interesses e, ao mesmo tempo, assemelham-se as necessidades, anseios, capacidade de sentir e de se desenvolver.

Dessa forma, a escola torna-se um lugar privilegiado para articular a análise do fenômeno *bullying*, para que dessa forma possam superar as lacunas de ambos, pois a escola se relaciona de forma simultânea com essas duas esferas de compreensão da sociedade (CHIORLIN, 2007; ALMEIDA, CARDOSO, COSTAC, 2009).

A escola constitui um espaço de convivência e aprendizagem dando oportunidade de socialização aos jovens com a cultura. A escola proporciona a experiência de relações, vivências de igualdade e convívio com as diferenças. Dessa forma, a escola não deve ser considerada apenas como um lugar destinado a aprendizagem, mas também pela forte interação social que ocorre dentro dela (BANDEIRA, 2009).

Levandoski e Cardoso (2010) explicam a necessidade de auxiliar os professores na identificação, no diagnóstico e na possível solução do problema de *bullying*, que ocorre dentro do ambiente escolar minimizando assim seus efeitos no desempenho escolar das crianças e adolescentes.

Assim como a escola, os professores devem conhecer o que é o *bullying* e suas consequências para assim ajudar no conhecimento e na prevenção em sala de aula. O *bullying* nada mais é do que uma forma de desrespeito ao próximo, da não-aceitação das diferenças e cabe ao professor trabalhar esses conceitos em sala e, para isso, o professor deve ter conhecimento sobre *bullying* (SANTOS, 2007; ALMEIDA, CARDOSO, COSTAC, 2009).

O professor tem o dever de passar para os alunos a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça, da solidariedade e trabalhar as diferenças e os direitos que cada um tem, visando sempre um ambiente escolar favorável e satisfatório para todos (ALMEIDA, SILVA, CAMPOS, 2008, p.14).

Fante (2005) aponta que a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades. Isso se torna uma questão preocupante sobre a grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade.

Conclui-se então que o envolvimento da escola e do professor é fundamental para se estabelecerem normas e ações que devem priorizar a conscientização de todos, darem apoio

às vítimas fazendo com que se sintam protegidas, conscientizar os agressores sobre seus atos e garantir um ambiente escolar sadio e seguro para todos.

2.7. A importância da família diante do *bullying*

Os autores de *bullying* geralmente são de famílias que têm a violência como forma de poder e com pouco afeto. As crianças com problemas familiares têm mais chances de serem agressivas. Por isso, muitas vezes, crianças que têm a violência dentro de casa, passam a viver dentro da escola essa violência.

Para Almeida, Cardoso e Campos (2009), é importante que pais e educadores entendam que algumas brincadeiras são inevitáveis, como os apelidos, sendo que, às vezes, pode ser uma forma de brincar e interagir. Com isso, a prioridade seria avaliar se esses apelidos são maldosos ou irreais para a criança. O emprego de apelidos muitas vezes, é encarada pela família e professores como normal, sendo ele um comportamento agressivo que pode levar a problemas na autoestima. O uso da agressão física também deve ser motivo de preocupação, principalmente, quando faz uso de arma de fogo usada por alunos com fraca autoestima que procuram ser notados.

A grande maioria dos pais age de forma tolerante com seus filhos. São pais que costumam adular seus filhos, fingindo não ver o comportamento transgressor que o mesmo tem na escola (SILVA, 2010).

Os pais agem dessa forma como maneira de compensar a distância com os filhos. O resultado é que, cada vez mais cedo, as crianças se habituem a fazer tudo que querem, sem os pais para ensiná-los e pôr limites. Muitas crianças não seguem regras sociais, não pensam no convívio social e não se preocupam com o que suas atitudes desviantes podem ocasionar aos outros que pagam injustamente por eles (SILVA, 2010).

Dessa forma, Ramos (2009, p. 8) afirma:

(...) que os *bullies*, aqueles que praticam o *bullying* nas escolas, são muitas vezes provenientes de lares onde a agressividade é a Tônica, seja no comportamento dos familiares, ou no acesso excessivo a filmes, programas, “games” e jogos de computador com conteúdo violento.

Existem casos de agressores que vêm de uma família bem-estruturada, não têm atitudes agressivas, mas demonstram preconceito com as diferenças e acabam transmitindo o preconceito para o filho que age na escola dessa forma preconceituosa (RAMOS, 2009).

Assim como os pais dos agressores são de suma importância para eles, os pais das vítimas têm papel fundamental para ajudar o filho, a saber, lidar e defender-se dos atos violentos dos *bullies*. Os pais das crianças vitimizadas devem ter a sensibilidade para ajudar o filho na elaboração do problema, para que assim as consequências não sejam prejudiciais para a criança.

O diálogo e a escuta são importantes alicerces para a construção de afetos fortes entre pais e filhos, facilitando assim a inserção de regras, além de estabelecer limites desde cedo, para que quando crescidos não se tornem *bulllys* (RAMOS, 2009).

Cabe aos pais estarem atentos ao surgimento de comportamentos não habituais nos filhos como: receio em ir à escola, mostrar-se abatido, confuso, agressivo, irritado, queixas físicas, choro frequente e baixo rendimento escolar.

Os pais devem estar presentes na vida dos filhos tanto os que são vítimas, agressores ou mesmo testemunhas dos *bulllys*, para que assim juntos com a escola e a intervenção psicológica, ajudem as crianças ou adolescentes a desenvolverem a capacidade para se expressarem e se relacionarem de forma adequada e de se tornarem adultos saudáveis, éticos, solidários, equilibrados e, acima de tudo, saber conviver com as diferenças entre si e os outros.

2.7. Intervenções possíveis para o *bullying*

O *bullying* no âmbito escolar é uma realidade que não pode ser deixada de lado. A autora Chiorlin (2007) ressalta a importância de investir em pesquisas e ações na questão do *bullying* na escola, para garantir a qualidade no ensino-aprendizagem, além de avaliar as formas de atuação da instituição e analisar como ela aborda o problema. Diante disso, devem-se levar em consideração as vivências entre os alunos, como é a relação deles dentro da escola, pois é nesse ambiente que se criam os primeiros vínculos sociais e a relação com o outro.

Cardoso (2009) orienta a educação como forma de para uma cultura de paz e não-violência. Significa assim, “mediar, criar pontes que tentem evitar o aparecimento de problemas e dificuldades, por meio de sua prévia identificação e da rápida intervenção, ensinando capacidades e competências aos alunos, no sentido de melhorar as suas relações interpessoais.

Cardoso (2009) afirma que a violência também é um comportamento aprendido, então acredita que também pode ser desaprendido e, nesse sentido, a escola se apresenta como um campo de trabalho privilegiado para os programas de prevenção, em que haja aprendizagem de respeito ao outro, resolução de conflitos, estratégias de autocontrole emocional, resistência à frustração e à conscientização sobre a igualdade de gêneros. Tais experiências podem ser não só aprendidas, mas também experimentadas e solidificadas, por meio do diálogo e do debate de ideias, permitindo que os indivíduos possam escolher alternativas não-violentas.

Os autores Albino e Terêncio (2009) apresentam programas de intervenções preventivas em relação ao *bullying*, classificando-os em três principais tipos. A primeira dirige-se às intervenções individuais, nas quais crianças e jovens adquirem habilidades sociais para ajudar a lidar com o *Bullying*. O segundo é a análise de pesquisas avaliativas, para avaliar a frequência, em que ocorre o *bullying*. As propostas de intervenção integral

são multidisciplinares e se realizam em distintos níveis da organização do colégio, extrapolando as atividades em classe. Buscam desenvolver trabalhos em todos os setores da escola, incluindo alunos, professores, direção, vigias, merendeiras, pais, ambiente escolar e a comunidade em geral.

Os autores acima enfatizam ainda que as reflexões promovidas pela UNESCO sobre o tema da violência escolar no Brasil apontam recomendações compatíveis com as propostas de intervenção integral, tais como: pensar em uma política pública global que abranja as várias áreas envolvidas nas questões referentes à educação, à qualidade de ensino, à convivência e à violência nas escolas; realizar diagnósticos locais sobre a situação de cada escola e de seu cotidiano; propor novas regras de convivência escolar; romper com a lei do silêncio que se constrói em torno da violência; discutir com alunos e corpo docente sobre os conflitos e violência; adotar medidas para a efetiva democratização do ambiente escolar, possibilitando a participação dos alunos, inclusive, na elaboração das regras e normas escolares e, finalmente, integrar os pais e a comunidade no cotidiano escolar, adotando programas de mediação de conflitos nas escolas (ALBINO, TERÊNCIO, 2009).

Hoje, no Brasil, o *bullying* vem sendo trabalhado e prevenido por meio de programas desenvolvidos por instituições com a parceria público-privado, além de projetos e estratégias curriculares nas próprias unidades de ensino. Segundo o art. 17 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), “na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. Integra o princípio geral estabelecido no ECA, art. 4º, o direito à dignidade que é conceituado no art. 18 como sendo o “dever de todos de velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

O ato infracional distingue-se da infração disciplinar justamente porque, de um lado, o praticado primeiro se equipará ao crime ou à contravenção penal (art. 103, ECA) previstos no Código Penal ou nas leis penais esparsas, enquanto a caracterização da segunda, de outro, depende unicamente das normas e diretrizes fixadas pelo regimento escolar.

Cumprir registrar que todo ato de *bullying* é um ato ilícito, causando lesão à dignidade da pessoa humana, estando todos (poder público e cidadãos) obrigados a respeitar esse direito constitucional sob pena de responsabilização nas esferas cível e criminal. Os atos infracionais mais comuns, originários do *bullying*, são aqueles equiparados à injúria, à calúnia, à difamação, à ameaça, às lesões corporais e ao racismo.

O Poder Judiciário poderá responsabilizar, ainda, o autor de *bullying*, o seu responsável legal e o estabelecimento de ensino a uma indenização por danos materiais, morais e estéticos, com apoio dos dispositivos do Código Civil.

Albino e Terêncio (2009) acreditam que o estabelecimento de ensino deve não só desenvolver regras e normas claras e democraticamente definidas de combate aos excessos por parte dos alunos, mas também observá-las e cumpri-las, chamando a família à sua responsabilidade. É fundamental, contudo, a tentativa de mediação entre os envolvidos, e a real fiscalização dos dirigentes das escolas nos locais e horários predestinados à prática do fenômeno, anteriormente à judicialização do conflito.

Os autores expõem também que os profissionais que atuam no sistema de garantias (Promotor de Justiça, Juiz de Direito, Advogado, Delegado de Polícia, entre outros) poderão tomar conhecimento da prática do *bullying* não só por meio do boletim de ocorrência, mas, também por representação de membro do Conselho Tutelar e, até mesmo, por comunicação da direção da escola, desempenhando papel fundamental no reconhecimento da questão e agindo preventivamente.

Com isso, algumas ações devem priorizar os atos de violência que ocorrem nas escolas para que possam dar apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas. Em relação aos agressores, devemos informar-los sobre os problemas que seus atos incorretos podem trazer às vítimas até mesmo para eles próprios e assim garantir um ambiente escolar seguro e sadio.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, no presente trabalho, abordar, de forma resumida, a questão do *bullying*, o seu conceito e consequências, formas de intervenção e o papel da escola e da família. Para isso, valeu-se do entendimento de vários autores, os quais contribuíram e contribuem para formar base teórica acerca de um assunto tão relevante para a sociedade.

O *bullying* é hoje o assunto da atualidade que está, cada vez mais, presente no cotidiano escolar das crianças e adolescentes. Esse fenômeno está ligado à violência entre os jovens e isso acaba causando prejuízos na aprendizagem desses jovens.

Estudos têm apontado as consequências que esses atos de violência trazem para os indivíduos tanto para os que praticam, como para quem é agredido. O *bullying* deve ser considerado um problema de saúde pública que precisa ser combatido por meio de ações onde estão presentes os pais, professores, a escola e a comunidade em geral, para assim se prevenirem de forma precoce os problemas e as dificuldades de aprendizagem. Para isso, a união de todos é de suma importância para ajudar na resolução dos casos de *bullying*.

Além disso, a intervenção junto às crianças que são vítimas e agressoras, ajudam a evitar que haja continuidade ou agravamento das agressões, e assim utilizar-se de medidas que visem a reduzir a incidência desses comportamentos, promovendo a reflexão e aprendizagem acerca de métodos de resolução de conflitos não-violentos, e, dessa forma, tentar evitar as consequências que essas situações podem ter na vida da vítima, da testemunha e do agressor.

Para uma melhor compreensão é importante que a escola busque auxílio de um profissional da área de psicologia e psicopedagogia para ajudarem a trabalhar o *bullying* nas salas de aula e desenvolverem projetos e ações para o combate do mesmo.

Outra ação é a criação de grupos de apoio, que protejam as vítimas e as auxiliem na solução das situações de *bullying*, podendo montar grupos com crianças e adolescentes que passam ou já passaram por uma situação parecida, pois dessa forma uma ajuda a outra a entender e a superar dificuldades e problemas, pois dessa maneira cada um expõe o que sente e mostra como conseguiu superar esse obstáculo.

Hoje, diante de jornais e reportagens, fica claro que alguns professores não têm uma formação adequada para lidar com essas situações, e, por isso, a necessidade de implantar cursos e palestras voltadas diretamente aos professores é para que eles tenham um melhor conhecimento sobre o *bullying* e como devem ser suas atitudes perante um ato de violência em sala de aula e a quem se deve recorrer, pois, quanto antes evitado, mais rápido será solucionado. Outra opção é estar atento ao Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), pois ele explica todos os procedimentos legais que pais e escola devem tomar quando ocorrerem os ataques dos *bullies* na escola.

Com tudo o que foi apresentado, percebe-se que a participação dos pais é essencial na construção do indivíduo, pois é ele quem transmite os primeiros ensinamentos e por isso é importante a criação de grupos onde estarão presentes esses pais, além da escola e autoridades da área de direito, dispondo de palestras que informem cada um sobre o que é o *bullying*, suas consequências e como intervir tendo como finalidade o combate ao *bullying*.

Para se combaterem esses atos, é importante a união de todos, pais, professores, alunos, psicólogos, entre outros profissionais, para assim dar continuidade ao projeto e ajudar na reconstrução de uma escola de qualidade e, principalmente, que seja para todos independentemente de raça, cor, forma física, sexualidade, religião, cultura, dinheiro, pois o mais importante é o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e adolescentes, para que, no futuro, eles se tornem adultos conscientes e responsáveis que aceitem as diferenças.

REFERÊNCIAS

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações críticas sobre o fenômeno do *bullying*: do conceito ao combate e à prevenção. revista jurídica do ministério público catarinense, Santa Catarina, n. 15, p. 169-195, 2009.

ALMEIDA, K. L.; SILVA, A. C.; CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. revista de pediatria, v.9, n. 1, p. 8-16, 2008.

ALMEIDA, S. B.; CARDOSO, L. R.D.; COSTA, V. V. Bullying: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. revista psicol. Argum, Curitiba, v. 27, n. 58, p. 201-206, 2009.

ANTUNES, D. C.; ZUIM, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. revista psicol. Soc, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2008.

- BANDEIRA, C. M. Bullying: auto-estima e diferenças de gênero. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- BANDEIRA, C. M.; HURTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. revista psicol. Esc. Educ, Campinas, v. 14, n. 1, 2010.
- CATINI, N. Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira. Tese de Doutorado, Pontifca Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2004.
- CARDOSO, N. O jogo dramático na prevenção do bullying: algumas experiências de intervenção da Apav. revista interação, n. 13, p. 275-288, 2009.
- CHIORLIN, M. de O. A influência do bullying no processo ensino-aprendizagem. Monografia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
- FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição, verus editora, Campinas, SP, 2005.
- LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. L. Percepção docente sobre as relações de agressividade, o lúdico e o “bullying” na escola. revista pensar a prática, Goiânia. V. 13, n. 2, p. 1-13, 2010.
- LISBOA, C.; BRAGA, L. L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. revista contextos clínicos, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, 2009.
- MARCHESI, A. O que será de nós, os maus alunos?. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006.
- NETO, A. A. L. Bullying e comportamento agressivo entre estudantes. jornal de pediatria, Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005.
- RAMOS, A. K. S. Bullying: a violência tolerada na escola. Monografia, 2008.
- SANTOS, L. P. R. O papel do professor diante do bullying na sala de aula. Monografia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.
- SILVA, A. B. B. Mentres perigosas nas escolas: bullying. Rio de Janeiro: Objetiva 2010.
- TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos, Porto Alegre, Editora Zouk, 2005.